

O CARÁTER INTERGERACIONAL DA FÉ¹

THE INTERGENERATIONAL NATURE OF FAITH

Charles Samuel Voigt Ledebuhr²

Resumo: O presente artigo defende que a fé cristã possui um caráter inerentemente intergeracional, de modo que sua transmissão entre gerações corresponde à própria estrutura da humanidade estabelecida por Deus na criação. Partindo da teologia da criação e da compreensão de que o ser humano é formado dentro de uma realidade objetiva acerca do que significa ser humano, argumenta-se que a transmissão da fé ocorre principalmente, embora não exclusivamente, na relação entre pais e filhos. O artigo fundamenta biblicamente e teologicamente essa compreensão, especialmente a partir das categorias luteranas de justiça passiva e ativa, e dialoga com contribuições contemporâneas sobre formação humana, cultura e educação. Sustenta-se que, em um contexto marcado pelo individualismo moderno e pelo enfraquecimento das estruturas tradicionais de formação, muitos pais têm negligenciado seu papel na transmissão intencional da fé, permitindo que outras visões de mundo moldem seus filhos. Conclui-se que a transmissão intergeracional da fé é inevitável porque corresponde à maneira como Deus criou o ser humano, e que, embora igreja, família estendida e comunidade cristã participem desse processo, os pais permanecem as

1 O presente artigo é uma versão resumida e adaptada de LEDEBUHR, Charles S. V. *Chrysostom and Luther on the Intergenerational Character of the Faith: Retrieving the God-Designed Parental Role in the Transmission of the Faith to the Next Generation*. M.A. Thesis, Concordia Seminary, 2020. 1-43. Disponível em: https://scholar.csl.edu/ma_th/91/.

2 Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, RS, 2016. Pós-graduado em Teologia e Ministério Pastoral pela ULBRA, 2019. Habilitado ao Ministério Pastoral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) pelo Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS, 2019. Mestre em Teologia Sistemática pelo Concordia Seminary, Saint Louis, MO, Estados Unidos, 2020. Pastor da IELB na Paróquia Evangélica Luterana São João, Alto Barra Encoberta, Itarana, ES. Doutorando no Concordia Seminary, Saint Louis, desde 2020.

primeiras e mais importantes influências formadoras na vida dos filhos, tornando necessária a recuperação consciente e intencional desse papel.

Palavras-chave: Transmissão da fé. Formação cristã. Intergeracionalidade. Pais e filhos. Teologia luterana.

Abstract: This article argues that the Christian faith possesses an inherently intergenerational character, such that its transmission between generations corresponds to the very structure of humanity as established by God in creation. Drawing from a theology of creation and from the understanding that human beings are formed within an objective reality concerning what it means to be human, the article contends that the transmission of faith occurs primarily, though not exclusively, through the relationship between parents and children. The study grounds this understanding biblically and theologically, especially through the Lutheran categories of passive and active righteousness, while engaging contemporary discussions on human formation, culture, and education. It argues that, within a context marked by modern individualism and the weakening of traditional formative structures, many parents have neglected their role in intentionally transmitting the faith, allowing competing worldviews to shape their children instead. The article concludes that the intergenerational transmission of faith is unavoidable because it reflects the way God created human beings and that, although the church, extended family, and Christian community all participate in this process, parents remain the primary and most influential formative presence in the lives of their children, making the conscious recovery of this role with intentionality necessary.

Keywords: Transmission of faith. Christian formation. Intergenerationality. Parents and children. Lutheran theology.

INTRODUÇÃO

Ben Freudenburg, um diretor de Educação Cristã da Lutheran Church-Missouri Synod (LCMS), conta que certa vez foi convidado a palestrar sobre o papel dos pais no trabalho com a juventude na igreja. Quando Freudenburg começou a descrever sua visão de que os pais tivessem uma participação ativa central, a reação da organização foi: “Não, isso não vai

dar certo. Adolescentes não querem os pais por perto no grupo de jovens”. E pediram que ele retrabalhasse sua proposta para que a participação dos pais se restringisse ao que Freudenburg considerava responsabilidades superficiais, como motoristas, cozinheiros e patrocinadores financeiros (Freudenburg, 1998, p. 19).

O caso relatado por Freudenburg é sintoma de uma pressuposição muito comum, não só no trabalho com os jovens, mas na transmissão da fé para a nova geração como um todo. Dificilmente você encontrará alguém que discorde que os pais têm um papel muito importante na formação da fé de seus filhos. Mas quando se trata de ensinar a fé aos jovens, os pais permanecem à margem, enquanto os “profissionais” da igreja (professores de escola bíblica, instrutores de catecismo e pastores) cuidam do assunto. O que não percebem é que os pais não têm só um papel muito importante, mas, na verdade, o papel mais importante na formação da fé de seus filhos, estejam eles cientes disso ou não. Porque a fé possui um caráter inerentemente intergeracional.

DEFININDO TERMOS

Costuma ser um grande empecilho para fazer-se entender, a falta de um vocabulário comum. Muitas vezes, o que é entendido é algo completamente diferente do que se pretendeu dizer, porque quem recebe a mensagem entende parte do vocabulário de forma completamente diferente de quem a enviou. A tese central deste artigo é que a transmissão da fé para a próxima geração possui um caráter inerentemente intergeracional. Vamos começar definindo o que se pretende dizer com cada um dos termos dessa afirmação.

Afirma-se que a fé tem esse caráter inerentemente intergeracional. Mas o que é fé? Sistemáticamente, distingue-se entre *fides qua* e *fides quae* (Pieper, 1951, p. 449-51). *Fides qua* refere-se à “fé que crê”, ou seja, a confiança salvífica no evangelho, enquanto *fides quae* refere-se à “fé que é crida”, ou seja, o conteúdo dessa fé, um conteúdo que pode ser aprendido. A fé que se afirma aqui ter um caráter inerentemente intergeracional são os dois lados dessa moeda.

A fé salvadora (*fides qua*), como aprendemos com Lutero no Catecismo Menor, é obra exclusiva do Espírito Santo. “Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem

vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo evangelho, me iluminou com seus dons, me santificou e me conservou na fé verdadeira” (*Livro de Concórdia*, 2021, p. 390). Mas o Espírito Santo, como diz a Confissão de Augsburgo, age através dos meios da graça, o evangelho e os sacramentos, “operando a fé onde e quando lhe apraz, naqueles que ouvem o evangelho” (*Livro de Concórdia*, 2021, p. 50). Pais não podem criar ou preservar fé salvadora em seus filhos, nem tampouco crer por eles. Mesmo assim existe um aspecto intergeracional da *fides qua* que consiste em expor a próxima geração aos meios através dos quais o Espírito cria e sustenta fé. Por exemplo, quando pais levam seus filhos ao santo batismo.

Fides quae refere-se ao conteúdo dessa fé. Nosso Senhor Jesus Cristo comissionou sua igreja a fazer discípulos, batizando-os e ensinando-os a guardar todas as coisas que ele ordenou (Mt 28.18-20). Todas as coisas que ele ordenou é a *fides quae* e incluem tanto o evangelho com todos os seus artigos, como aprendemos no Catecismo, quanto a vida em meio à criação da forma como Deus a planejou. Transmitir a *fides quae* significa transmitir qual é a nossa condição e lugar diante de Deus (justiça passiva, evangelho e primeira tábua da lei, o ser humano *coram Deo*) e diante do próximo em meio à criação (justiça ativa, segunda tábua da lei, ser humano *coram mundo*) (Rudnick e Warth, 2022, p. 1150-55). Kolb & Arand (2008, p. 21-128) chamam isso de o que significa ser humano. Ou seja, transmitir a *fides quae* significa transmitir o que significa ser humano. Ensinar a fé significa ensinar a ser humano.

A fé (*fides qua* e *fides quae*) tem um caráter inerentemente intergeracional. Com *caráter intergeracional* se quer dizer que é uma característica da fé ser transmitida entre gerações, de uma geração para a próxima, principalmente (embora não exclusivamente) na relação entre pais e filhos. Finalmente, e isso é importante, é *inerentemente intergeracional*, ou seja, trata-se de uma característica inerente, não acidental.

O termo *inerente* é aqui usado para se referir às coisas tais como foram originalmente criadas por Deus, o que significa que Deus nos criou de tal forma que, quando somos jovens, temos uma disposição natural para absorver a fé (ou para aprender o que significa ser humano) da geração anterior e, quando ficamos mais velhos, temos uma disposição natural para ensinar ou transmitir a fé (ou o que significa ser humano) à próxima geração.

FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA

Viver conforme o plano original de Deus diante do Criador e do próximo em meio à criação, foi algo que Deus planejou que cada nova geração aprendesse da anterior e passasse para a próxima, principalmente (embora não exclusivamente) na relação entre pais e filhos. Frequentemente nos livros de Moisés encontramos orientações para que os pais ensinem seus filhos, seja em momentos especiais separados para isso, como a celebração da Páscoa (Êx 12.25-27; 13.7-9, 13-16), seja na rotina diária da vida (Dt 6.4-9). A sabedoria bíblica fala sobre ensinar a criança no caminho em que deve andar para que, ainda quando velho, não se afaste dele (Pv 22.6). E o salmista canta que Deus “estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, e ordenou aos nossos pais que os transmitissem a seus filhos, a fim de que a nova geração os conhecesse, e os filhos que ainda hão de nascer se levantassem e, por sua vez, os contassem aos seus descendentes; para que pusessem a sua confiança em Deus e não se esquecessem dos feitos de Deus” (Sl 78.5-7).

O Novo Testamento igualmente fala sobre pais criarem os filhos “na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6.4). O apóstolo Pedro destaca aos seus ouvintes que as promessas batismais são para eles e para seus filhos (At 2.38-39). Jesus, a encarnação do ser humano perfeito tal como Deus planejou que todos fossem, cresceu em sabedoria à medida que se tornava adulto submisso a seus pais (Lc 2.51-52). Um exemplo conhecido de transmissão intergeracional da fé no Novo Testamento é Timóteo, cuja fé, o apóstolo Paulo nota, “primeiramente, habitou em sua avó Loide e em sua mãe Eunice” (2Tm 1.5).

Em conformidade com isso é que os cabeçalhos do Catecismo Menor de Lutero identificam aqueles ensinamentos básicos da fé cristã “Como o chefe de família deve ensiná-los com simplicidade a sua casa”. Isso é o que é corretamente chamado de tradição (1Co 11.23, 15.3; Jd 3). Não a repetição de coisas velhas, mas a transmissão daquilo que foi recebido.

DA TRADIÇÃO AO NIILISMO

Deus criou o ser humano e concedeu ao homem, à mulher e às gerações vindouras o domínio sobre (a tarefa de cuidar da) criação (Primeiro

Artigo). Deus enviou seu Filho unigênito para realizar a redenção da raça humana por meio de sua vida, morte e ressurreição por nós (Segundo Artigo). O Espírito Santo reúne, através dos meios da graça, um povo santo para Deus, aplicando a promessa que é para eles, para seus filhos e para todos os que estão longe, criando e sustentando a fé em Jesus Cristo somente (Terceiro Artigo). Essa estrutura trinitária dá ao ser humano renovado e regenerado pelo Espírito Santo (o cristão) uma história na qual ele ocupa um lugar, respondendo às perguntas básicas sobre de onde viemos, o que estamos fazendo aqui e para onde estamos indo. Isso nos dá uma base, um contexto e um *telos*. A base é todo o esquema das coisas do qual fazemos parte (a criação). O contexto é a história à qual pertencemos. E o *telos* é ser plena e verdadeiramente humano de acordo com o desígnio de Deus.

É precisamente esse tipo de estrutura para dar sentido à vida que, em grande medida, falta ao ser humano hoje. Em seu clássico *Depois da Virtude*, Alasdair MacIntyre destaca que, na modernidade, as pessoas vivem sem um *telos* nem um conjunto padronizado de virtudes fundamentadas em crenças que proporcionem à vida uma base e um contexto estáveis. Nas sociedades pré-modernas, alguém conhecia sua identidade pelo lugar que ocupava naquela sociedade e, assim, sabia o que se esperava dele naquele ambiente e, por sua vez, o que esperar dos outros. Sou irmão, primo e neto, membro desta família, daquela aldeia, desta tribo. Estas não são características que pertencem aos seres humanos acidentalmente, das quais precisamos nos despir para descobrir “o verdadeiro eu”. Elas são “o verdadeiro eu” (MacIntyre, 2007, p. 33). Numa sociedade assim, a pessoa sabe quem ela é ao conhecer seu papel e, ao saber disso, ela também sabe o que se espera dela e o que ela pode esperar de quem ocupa os outros papéis e posições no grupo social (MacIntyre, 2007, p. 122). Viver minha humanidade nesse ambiente significa cumprir as expectativas que meu lugar no mundo impõe a mim. Uma sociedade (ou uma igreja!) ser tradicional, assim, significa ser do tipo que transmite isso para a próxima geração.

No desenrolar da história que conduziu à modernidade, essa concepção de vida dentro de uma estrutura (com um contexto, uma base e um objetivo) foi perdida, embora isso não tenha sido visto como perda, pois é celebrado como libertação dos laços sociais daquelas hierarquias restritivas e das superstições da teleologia (MacIntyre, 2007, p. 34). O pressuposto amplamente difundido passou a ser o de que o objetivo da vida humana é

ser feliz e evitar sofrimento, e tornar-me tudo o que eu desejar ser. Ou seja, livrar-me de todos os papéis que herdei “artificialmente” e descobrir o meu “verdadeiro eu”, uma tarefa que tenho de realizar sozinho. Esse desapego ou independência do indivíduo em relação a uma narrativa normativa tornou-se a premissa para a compreensão do mundo que os seres humanos, na modernidade, adquirem quase que por osmose da cultura circundante. James Edwards (1997) chama isso de niilismo normal ou normalizado, a saber, que vivemos em um mundo onde nada tem mais peso ou significado do que aquele que cada pessoa decide atribuir a ele (Biermann, 2020, p. 200-01).

Nesse novo esquema das coisas, a tarefa de educar, inclusive quando desempenhada pelos pais, deixou de ser vista como transmitir e passou a ser vista como facilitar. O objetivo de quem ensina já não é mais trazer coisas de fora para aquele que aprende, coisas que ele ainda não tem, mas se esforçar para facilitar e não atrapalhar aquele que aprende de descobrir estas coisas dentro de si mesmo. Há mais de um século, o escritor e filósofo inglês G. K. Chesterton apontou a inconsistência de tal visão. É estranho, dizia ele, que essas pessoas, que em matéria de genética são tão obstinadamente apegadas à lei, em matéria de educação pareçam quase acreditar em milagres. Pois insistem que nada além do que estava nos corpos dos pais pode contribuir para formar os corpos dos filhos. Mas parecem, de alguma forma, pensar que coisas podem ir parar na cabeça dos filhos que não estavam antes na cabeça dos pais, ou, na verdade, em qualquer outro lugar (Chesterton, 1910, p. 247-48).

O teólogo ortodoxo Vigen Guroian igualmente comentou sobre a lógica contraditória dos defensores dessa visão niilista da realidade: “Qual seria o resultado de uma educação que permitisse às crianças inventarem seus próprios alfabetos e sistemas matemáticos? Sem dúvida, o resultado seria confusão ou caos. Devemos nos surpreender com o resultado de nossos esforços recentes para ajudar as crianças a esclarecerem seus próprios valores e, na verdade, a inventarem suas próprias moralidades pessoais?” (Guroian, 1994, p. 34-35). Assim como a matemática tem as tabuadas e a gramática tem o alfabeto – que simplesmente existem e precisam ser aprendidos para que se domine a matemática ou se consiga ler –, a criação de Deus é uma realidade com pressupostos que precisam ser reconhecidos para que se aprenda o que significa ser humano dentro da criação de Deus, de acordo com o projeto que ele estabeleceu. É característica desse projeto divino termos sido criados para ensino e aprendizagem intergeracional.

CRIADOS PARA INTERGERACIONALIDADE

Ao contrário dos animais, que já nascem com um aparato de instintos suficientemente desenvolvidos para sobreviverem por conta própria se as condições do ambiente se manterem minimamente previsíveis e estáveis, seres humanos estão, como o sociólogo James Davison Hunter disse, basicamente “inacabados” quando nascem (Hunter, 2000, p. 23). Por isso, o renomado psicanalista Erik Erikson chamou o ser humano de “a espécie ensinadora” (Erikson, 1995, p. 240). Enquanto os animais possuem formas relativamente inatas, precoces e prontas para interagir com um segmento da natureza, graças às quais têm sobrevivido, no caso do ser humano, a tradição e a consciência precisam organizar quaisquer impulsos inatos que possam ter (Erikson, 1995, p. 82-83).

Se a intergeracionalidade do ensino e da aprendizagem é uma característica inerente ao ser humano, gravada nele desde a criação, era de se esperar que isso fosse perceptível para alguém que observar a criação de Deus com atenção. Como parte da primeira geração pós-Freud, Erikson, juntamente com sua esposa Joan, dispunham de pouca literatura teórica para embasar sua expansão da psicanálise. Por isso, sua fonte primária foi a observação clínica e direta do ser humano, fundamentada na escuta atenta de seus clientes ao longo de muitos anos.

O resultado foi a teoria do desenvolvimento psicossocial, no qual ele descreve os oito ou nove estágios da vida humana, um percurso durante o qual a criança deve passar de um apego exclusivo e pré-genital aos pais para o lento processo de se tornar um pai ou uma mãe, um portador da tradição (Erikson, 1995, p. 230). Ao contrário de outras teorias do desenvolvimento, como a teoria psicosssexual de Sigmund Freud ou a teoria cognitiva de Jean Piaget, que descrevem apenas o desenvolvimento do nascimento até a adolescência, a teoria de Erikson abrange toda a duração da vida, do nascimento até a morte. Ao fazer isso, ele tentou delinear todo o ciclo de vida como um fenômeno psicossocial integrado. Em vez de seguir o que (por analogia à teleologia) pode ser chamado de abordagem “originológica”, ou seja, a tentativa de derivar o significado do desenvolvimento principalmente a partir de uma reconstrução dos primórdios da infância, Erikson descreveu padrões de desenvolvimento que simplesmente fazem parte da estrutura do que o ser humano é. Todas as fases da vida, de acordo

com Erikson, estão interligadas, e as diferentes gerações que vivem juntas em um determinado momento da história estão igualmente interligadas (Erikson, 1964, p. 114).

Erikson observou não apenas que os adolescentes têm a necessidade natural de desenvolver sua identidade aprendendo com aqueles que já passaram por essa fase (a adolescência), mas também que, na fase da generatividade (meia-idade), existe um impulso natural de ajudar a próxima geração a desenvolver uma identidade adequada, tal como eles próprios já fizeram. Existe um impulso natural no ser humano tanto de absorver da geração anterior o necessário durante o desenvolvimento quanto de orientar a próxima geração no caminho que ele próprio percorreu até agora. Esse impulso se manifesta principalmente na relação entre pais e filhos, mas não exclusivamente. Com ou sem filhos próprios, o ser humano está programado para aprender com a geração anterior e ensinar a próxima, e a sociedade humana encontra várias maneiras de fazer isso acontecer. A parentalidade é, para a maioria, o primeiro, e para muitos, o principal encontro generativo, mas isso pode se manifestar em outras relações, assim como uma criança na ausência da relação com os pais aprenderá de outras figuras adultas em seu ambiente (Erikson, 1995, p. 240; 1964, p. 130-31). Em suas observações sobre o ser humano, Erikson percebeu uma característica da criação de Deus: o ser humano é inerentemente inclinado a aprender com a geração anterior o que significa ser humano e a transmitir isso à geração seguinte.

O psicólogo e médico Leonard Sax, em *Por Que Gênero Importa?*, chega a sugerir que até mesmo a identidade dos meninos como homens e das meninas como mulheres se constrói, de fato, na socialização intergeracional entre meninos e homens mais velhos e entre meninas e mulheres mais velhas. Mesmo algo tão essencial à natureza humana como a identidade masculina ou feminina deve, em certo sentido, ser transmitido à próxima geração. Biologicamente falando, as realidades fundamentais da masculinidade e da feminilidade estão incorporadas em cada pessoa. Ao contrário do que tem sido presumido e ensinado, a identidade sexual não é uma construção social. Nasce-se como homem ou mulher e é isso que se é. Mesmo assim, como diz Sax, os meninos precisam aprender com homens mais velhos o que significa ser homem, e as meninas precisam aprender com mulheres mais velhas o que significa ser mulher. Sem esse contato

e aprendizado intergeracional, descobrir a verdade da própria existência sexual é como explorar uma selva sem trilhas e sem bússola, sem saber ao certo o caminho ou o destino (Sax, 2005, p. 236-39).

A reflexão de Sax nos leva a duas observações. A primeira é que ocupamos um lugar no mundo que nos foi simplesmente concedido por Deus: somos *seres humanos*. O status de ser humano é um lugar muito específico na criação de Deus, e nos é simplesmente concedido por ele. Ademais, somos homens ou mulheres. Ser um ou ser o outro faz uma grande diferença na forma como vivemos nossa humanidade. À medida que adentramos e percorremos a vida, assumimos mais vocações que refinam ainda mais a maneira específica como viveremos nossa humanidade. Somos filhos, estudantes, profissionais, esposas ou maridos, pais e assim por diante. Em algumas dessas vocações, a pessoa tem maior liberdade de escolha (pode-se escolher ser professor ou arquiteto), enquanto outras são simplesmente dadas por Deus (não se pode escolher ser homem ou mulher, apesar de toda a contestação que essa afirmação enfrenta atualmente). Aprendemos o que significa ocupar um espaço específico na criação com aqueles que já estão no mundo quando chegamos. Nesse sentido, Paulo aconselha as mulheres mais velhas a ser “mestras do bem, a fim de instruírem as jovens recém-casadas a amar o marido e os filhos, a serem sensatas, puras, boas donas de casa, bondosas, sujeitas ao marido” (Tt 2.3-5), e inclusive inclui isso no que ele chama de “sã doutrina” (Tt 2.1). Aprende-se com a comunidade em que se é criado o que significa ser homem ou mulher e o que significa ser um ser humano em meio à criação de Deus.

A segunda observação é que a tendência natural do ser humano de aprender essas coisas com a geração anterior e, em seguida, ensiná-las à geração seguinte é tão inerente quanto a realidade biológica de ser homem ou mulher. Cada pessoa deve ser moldada para se tornar um homem maduro ou uma mulher madura, conforme Deus planejou. O processo de aprendizagem para chegarmos lá é o nosso *telos* nesse mundo como criaturas humanas. Essa formação e cultivo das “características biológicas inerentes” ocorrem de forma intergeracional. O aspecto intergeracional dessa educação e formação, necessários para levar cada pessoa à maturidade, é tão inerente à criação quanto as realidades biológicas do ser homem e do ser mulher. O ser humano está programado para a transmissão intergeracional. É isso que a educação é: a transmissão para a próxima geração do que significa ser humano.

TRANSMITINDO O QUE SIGNIFICA SER HUMANO

A premissa de que a educação tem como objetivo ensinar o que significa ser humano baseia-se no pressuposto de que existe uma realidade objetiva na qual o homem ocupa um lugar – algo questionado na era do subjetivismo. C. S. Lewis sustenta filosoficamente a factualidade dessa realidade em sua obra *A Abolição do Homem*. Por questão de brevidade, Lewis denomina o todo dessa realidade objetiva que simplesmente existe como a *Tao*, optando por um termo não oriundo do cristianismo para não afastar o leitor que não compartilha de seus pressupostos cristãos. Pois, sendo uma realidade objetiva que simplesmente existe, o ser humano vive nela crendo ou não nas doutrinas cristãs.

Embora alguns possam não reconhecer isso, argumenta Lewis, existe um esquema objetivo de todas as coisas que é verdadeiro, e ser *humano* é ocupar o lugar que nos cabe nesse esquema. Isso, observa Lewis, é essencial para compreender o que é a educação. Uma educação que reconheça que existe uma realidade objetiva, vai entender educação como treinar para ocupar o seu lugar na *Tao*, como pássaros adultos tratam os filhotes quando lhes ensinam a voar (Lewis, 1947, p. 12, 38-39, 46-47).

Lewis escreve isso para contrapor o que ele vê como um novo tipo de educação, uma educação fora da *Tao*. Eles não se veem dentro da *Tao*, como parte dela, mas fora e acima da *Tao*, em um lugar onde são capazes de lidar com a realidade e moldá-la à vontade. Por outro lado, para o educador dentro da *Tao*, não apenas o que é ensinado, mas até mesmo seu papel de ensinar é moldado pela *Tao* (Lewis, 1947, p. 13-15).

Como o ser humano é uma criatura, e não criador, ele não pode, por mais que deseje, criar algo do nada. Tudo o que ele pode fazer é manipular o que Deus criou. Quando o faz de acordo com o propósito de Deus, ele cumpre a tarefa de exercer domínio sobre (cuidar da) criação. Quando tenta fazê-lo fora da *Tao*, como se estivesse criando algo do nada (de forma niilista), o que acaba fazendo, na melhor das hipóteses, é distorcer o que Deus criou.

Quando o ser humano tenta manipular a criação como se fosse Deus, em vez de cuidar dela como Deus o incumbiu, ele está indo contra toda a estrutura da criação da qual faz parte. Lewis compara a rebelião de novas ideologias contra a *Tao* com uma rebelião dos ramos contra a

árvore: se os rebeldes conseguissem prevalecer, descobririam que haviam se destruído a si mesmos (Lewis, 1947, p. 29). Como a realidade que o ser humano tenta reescrever é justamente aquela na qual foi criado, da qual faz parte, C. S. Lewis afirma que aqueles que tentam fazê-lo renunciam à própria humanidade. Tentam decidir por si mesmos o que a humanidade deveria ser, mas não existe outra realidade objetiva além daquela que Deus criou. Ao renunciarem à humanidade que Deus pretendia que vivessem, abriram mão da verdadeira humanidade. Não é que sejam maus humanos ou humanos imperfeitos. Ao renunciarem à humanidade que Deus planejou para eles, de acordo Lewis, já não são humanos de forma alguma. Ao se afastarem da *Tao*, mergulharam no vazio. Só se é verdadeira e plenamente humano quando se reconhece o próprio lugar na *Tao* e o ocupa (Lewis, 1947, p. 40-41).

Isso, como já vimos anteriormente, é aprendido por meio da socialização intergeracional. O indivíduo aprende com a geração anterior o que significa ser humano. Transmitir à próxima geração o que significa ser humano é ensinar-lhe o lugar que o ser humano ocupa neste todo objetivo da realidade. As tentativas de redefinição são tentativas de viver uma ilusão e torná-la, com isso, real. Uma tarefa que pode significar pouco mais do que construir do zero qualquer coisa capaz de nos fazer felizes.

Essa realidade objetiva do que significa de fato ser humano do ponto de vista luterano confessional é desenvolvido por Kolb & Arand, em *The Genius of Luther's Theology* (2008, p. 21-128), em termos de justiça passiva e ativa. Para ser verdadeiramente humano, é preciso ser justo diante de ou estar em uma relação correta com Deus e o mundo.

A justiça diante de Deus é recebida pela graça, por meio da fé criada e sustentada pelo Espírito Santo através dos meios da graça. A justiça que recebemos de Deus para estarmos em uma relação correta com ele é chamada de passiva, porque o ser humano é totalmente receptivo, sem colaborar em nada, para adquirir essa justiça. Ela foi conquistada por Cristo e nos é concedida através dos meios da graça (Palavra e sacramentos).

A justiça perante o mundo é vivida à medida que cumprimos as vocações que recebemos de Deus, realizando as boas obras que “Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10). A justiça perante o mundo é chamada de ativa porque participamos ativamente, desempenhando, de acordo com o plano de Deus, os papéis (vocações) que fomos chamados a ocupar neste mundo (nosso lugar na *Tao*, como diria Lewis). Como Biermann descreve

isso, a justificação devolve o pecador agora perdoado ao propósito original de Deus para a humanidade. A justificação não apenas deixa a pessoa em paz com Deus, mas também a transforma no tipo de ser humano que Deus criou no início. Essa criatura restaurada serve a Deus e aos demais seres humanos de acordo com o plano de Deus para a criação (Biermann, 2014, p. 60). A justiça ativa não é uma questão de salvação, a qual depende exclusivamente da justiça passiva que recebemos sem qualquer colaboração de nossa parte. Mas a justiça ativa consiste em viver perante o mundo a humanidade que Deus criou. Não se trata de justificação, mas de santificação.

Não é como se tivéssemos de escolher entre a justiça perante Deus e a justiça perante o mundo. Para ser plena e verdadeiramente humano, precisamos tanto da justiça passiva quanto da justiça ativa. Ser o ser humano que Deus nos criou para ser é estar em uma relação correta com Deus e com o mundo conforme Deus o planejou desde o princípio. Não implora quão alinhada *coram mundo* a pessoa esteja de acordo com a lei de Deus, ainda não será plenamente humana se não estiver também *coram Deo* numa relação correta passivamente justificado pela fé.

A justiça diante de Deus (ou justiça passiva) não pode ser transmitida de uma pessoa para outra, uma vez que essa fé salvadora é obra exclusiva de Deus. O Espírito Santo cria e sustenta essa fé através dos meios da graça (Palavra e sacramentos). Mas, mesmo aqui, há um aspecto intergeracional envolvido. Uma geração deve expor a próxima geração aos meios da graça através dos quais “é dado o Espírito Santo que opera a fé onde e quando agradar a Deus naqueles que ouvem o evangelho” (Confissão de Augsburg, art. V). A justiça perante o mundo (ou justiça ativa) é transmitida à próxima geração quando uma geração ensina à seguinte o que significa ser humano em meio à criação, conforme Deus originalmente nos destinou a ser, mesmo que isso muitas vezes vá contra os desejos de nossos corações contaminados pelo pecado. Uma justiça fundamentada na intenção de Deus para sua criação inclui coisas como o que significa ser homem ou mulher, o que significa ser filho de alguém, o que significa ser um profissional honesto e um cônjuge fiel, o que significa ser pai ou mãe, etc. A justiça passiva e a justiça ativa compõem a vida cristã porque esta é a vida humana criada por Deus. Pois a vida cristã nada mais é do que a vida humana tal como Deus a projetou para todas as suas criaturas humanas (Kolb & Arand, 2008, p. 103).

Esse é o *telos*, ou seja, a finalidade e objetivo, do ser humano. “Em termos simples, o destino humano, o nosso telos, é ser tudo aquilo para que Deus nos concebeu e criou – em outras palavras, ser plenamente humano” (Biermann, 2014, p. 144). Ser humano é ocupar o lugar que Deus designou para a humanidade no esquema de todas as coisas. Existe uma realidade objetiva concebida por Deus na qual temos um lugar, e viver nossa humanidade em toda a sua plenitude é estar assim em harmonia com o Criador e com a criação.

A FÉ QUE RECEBEMOS DE NOSSOS PAIS E VAMOS PASSAR PARA NOSSOS FILHOS

Transmitir a fé à próxima geração significa transmitir uma compreensão clara do nosso lugar no plano geral de todas as coisas. Deus criou os céus e a terra e tudo o que neles há. Deus enviou seu Filho unigênito para viver, morrer e ressuscitar por nós e pela salvação de toda a criação. Deus nos dá o Espírito Santo, que nos torna filhos de Deus por meio da fé, garantindo que, por toda a eternidade, viveremos com nosso Deus e Salvador. Desde o início, Deus reuniu um povo para si e o santificou, desde Adão e Eva, passando por Abraão, Isaque e Jacó, e por todo o povo de Deus no Antigo (Israel) e no Novo (a igreja cristã) Testamentos. Deus reúne seu povo por meio da obra do Espírito Santo, levando-o à fé em seu Filho. Um dia, o Filho, Jesus Cristo, voltará para julgar os vivos e os mortos, e nós, que fomos regenerados (ou seja, nascidos de novo, não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus) pelo Espírito e, portanto, recebemos o direito de nos tornarmos filhos de Deus (Jo 1.12-13), viveremos para sempre nos novos céus e na nova terra. Essa é, resumidamente, a história abrangente de todas as coisas, e nós temos um lugar nessa história. Transmitir a fé à próxima geração é transmitir qual é esse lugar específico e o que significa ocupá-lo.

Como o ser humano foi criado tanto para transmitir isso à geração seguinte quanto para recebê-lo da geração anterior, as gerações mais jovens vão absorver de seus pais uma compreensão do esquema abrangente de todas as coisas e do lugar que ocupam nele, quer isso ocorra de forma intencional ou não. Foi o que o sociólogo da religião Christian Smith comprovou num dos estudos mais abrangentes sobre religiosidade entre adolescentes já feito (Smith & Denton, 2006).

Na primeira década do novo milênio, Smith e sua equipe empreenderam mais de três mil entrevistas, por telefone, com adolescentes, seguidas por mais de trezentas entrevistas presenciais, as quais foram gravadas, transcritas e analisadas com o objetivo de determinar qual era a religiosidade predominante entre os adolescentes norte-americanos. A equipe procurou, em sua amostra, incluir adolescentes dos mais diversos contextos sociais, religiosos e étnicos oriundos de todos os estados norte-americanos, exceto Havaí e Alaska, a fim de colher a imagem mais fiel possível. Contra todas as expectativas e estereótipos, a pesquisa demonstrou que a principal fonte de visão de mundo e religiosidade dos adolescentes eram seus pais. A maioria dos pais não diria isso, pois a forma como a maioria dos adolescentes reage e interage com os pais pode passar a impressão de que os pais perderam praticamente toda a influência sobre eles. Mas apesar de toda a aparente rejeição, os pais continuam sendo a maior influência sobre os adolescentes quando se trata de pensamento religioso (Smith & Denton, 2006, p. 57). Embora o estereótipo mais difundido e persistente sobre os adolescentes seja o de que eles são irremediavelmente rebeldes, quando se trata de religião, a maioria dos adolescentes simplesmente acredita no que lhes foi ensinado desde pequenos. Eles estão apenas seguindo os passos de suas famílias e estão bem com isso (Smith & Denton, 2006, p. 119-20).

Mas, de acordo com as descobertas de Smith & Denton, não é a visão trinitária nem o conceito de justiça passiva/ativa da fé que os adolescentes estão recebendo de seus pais. Não se trata de uma visão de “dentro da *Tao*”, mas de uma visão instrumentalista da religião. Smith e Denton descreveram a fé da juventude norte-americana no início do terceiro milênio usando o conceito de Deísmo Terapêutico Moralista (MTD). Eles codificaram o que emergiu de suas entrevistas no que apelidaram de credo dessa religião MTD, que consiste em cinco pontos (Smith & Denton, 2006, p. 148-49):

1. Existe um Deus que criou e coloca em ordem o mundo e cuida da vida humana na Terra.
2. Deus quer que as pessoas sejam boas, gentis e justas umas com as outras, conforme ensinado na Bíblia e pela maioria das religiões do mundo.
3. O objetivo central da vida é ser feliz e sentir-se bem consigo mesmo.

4. Deus não precisa estar particularmente envolvido na vida de ninguém, exceto quando é necessário para resolver um problema.
5. Pessoas boas vão para o céu quando morrem.

Smith & Denton não estão sugerindo que haja uma religião formal chamada Deísmo Terapêutico Moralista seguida por esses jovens, mas que o pensamento religioso e visão de mundo predominante, independente da religião formalmente professada, possui essas características.

Esses jovens têm uma imagem bastante definida do que é a vida boa (vide James K. A. Smith adiante) e do sentido de sua existência: ser feliz e evitar o sofrimento. Eles defendem uma moral baseada no bom senso, segundo a qual os direitos de cada um terminam onde começam os direitos do outro. O que significa que, desde que eu não prejudique ninguém (impedindo seu direito de ser feliz e evitar o sofrimento), é aceitável perseguir qualquer tipo de objetivo egoísta. Essa é a característica que Smith e Denton corretamente rotularam como “terapêutica”, em conformidade com a famosa afirmação de Phillip Rieff de que o homem religioso nasceu para ser salvo; o homem psicológico nasceu para ser satisfeito ou agradado (Rieff, 1966, 1987, p. 24-25). A parte “moralista” do conceito de MTD de Smith reside no fato de que, se os meus direitos terminam onde começam os direitos do outro, isso ainda me faz responsável perante o outro e perante o seu direito de ser feliz e evitar o sofrimento, o que implica um comportamento moral da minha parte. Diferente do deísmo clássico, no qual Deus é o relojoeiro que não se envolve de forma alguma depois de colocar o relógio em funcionamento, nesta versão do deísmo o relojoeiro oferece uma garantia vitalícia para seu trabalho. Ele ainda é, como no deísmo clássico, o Criador impessoal que não se envolve muito em nossa vida cotidiana, vigiando cada detalhe mínimo, mas, diferentemente do deísmo clássico, pode ser invocado quando precisamos dele para nos ajudar a alcançar nosso objetivo (ou seja, ser felizes e evitar o sofrimento). No entanto, ele raramente é retratado como o Todo-Poderoso. Esse não é o tipo de Deus que o Deísmo Terapêutico Moralista conhece. Esse é um modelo do esquema de todas as coisas bem diferente da versão cristã.

Se a maior descoberta da pesquisa foi que essa era a religiosidade predominante dos adolescentes norte-americanos do princípio do terceiro milênio, a segunda descoberta mais relevante provavelmente foi qual era a

origem dessa religiosidade. De acordo com a pesquisa da equipe de Smith, essa é a religião na prática da maioria dos adolescentes norte-americanos, porque é a religião na prática da maioria dos adultos norte-americanos. Com base em suas descobertas, Smith e Denton estão convencidos de que a melhor regra geral que os pais podem usar para prever qual será provavelmente a orientação religiosa dos filhos é que nossos filhos serão o que nós somos (Smith & Denton, 2006, p. 58). Comprovando com pesquisa as palavras Lutero no Catecismo Maior: “Como os pais viveram, assim, depois deles, os filhos irão viver” (*Livro de Concórdia*, 2021, p. 433). Pode não ser uma fé saudável que está sendo transmitida à próxima geração, mas a nova geração, mesmo assim, está absorvendo sua fé da geração anterior. Se houve uma rebeldia das gerações jovens das últimas décadas do segundo milênio contra a ideia de receber sua identidade da geração anterior, as gerações jovens mais recentes estão retomando o padrão antigo, corroborando o fato de que esse padrão é inerente à criação. Como observou Chesterton, não se trata apenas de que a autoridade parental deva ser mantida, mas de que ela é simplesmente inevitável (Chesterton, 1910, p. 252). Mesmo que o ser humano tente escapar desse padrão por algum tempo, o que Deus estabeleceu na criação tende a se reafirmar e volta a se manifestar tal qual um rio desviado tende a retornar ao seu curso original numa enchente. Por essa razão, como Smith observa, a influência que uma geração exerce sobre a seguinte não deve ser menosprezada (Smith & Denton, 2006, p. 28). A questão não é se uma geração está transmitindo à geração seguinte o que significa ser humano, mas, sim, qual visão do que significa ser humano está sendo transmitida.

A VISÃO DA VIDA BOA QUE NOSSOS FILHOS ESTÃO RECEBENDO

Isso nos leva à questão de saber o que as gerações mais jovens estão aprendendo a vislumbrar como o quadro geral de todas as coisas no qual ocupam seu lugar. O deísmo terapêutico moralista, ou o niilismo típico do individualismo liberal, apresenta às novas gerações que chegam ao mundo um quadro das coisas diferente dos paradigmas trinitário ou de justiça passiva/ativa cristãos anteriormente mencionados. Para o individualismo liberal, de acordo com Alasdair MacIntyre, uma comunidade é simplesmente um espaço

no qual cada indivíduo busca sua própria concepção, escolhida por si mesmo, do que é uma vida boa, e as instituições políticas existem para proporcionar aquele grau de ordem que torna possível essa atividade autodeterminada. Esse quadro descrito por MacIntyre é aquele ao qual a maioria da geração mais jovem está sendo habituada (Macintyre, 2007, p. 195).

Em *Desejando o Reino* (2009), James K. A. Smith destaca que sempre haverá uma “liturgia” formando a base, o contexto e o *telos* (que ele denomina “a visão da vida boa”) sobre a qual e em direção à qual a pessoa vive sua vida. Com “liturgias” ele não se refere apenas às práticas litúrgicas religiosas no culto, mas a todas aquelas práticas que, devido à sua repetição natural e rotineira, criam em nós uma espécie de segunda natureza que nos predispõe a agir de determinadas maneiras, seguindo certos padrões cuja lógica nem sempre elaboramos explicitamente.

A visão do que é a vida boa (ou do reino que desejamos) é o *telos* implícito para o qual caminhamos, inscrito em nós pela habituação (as “liturgias”). Essas liturgias nos orientam para uma visão específica do que constitui uma vida boa, do que significa ser feliz, realizado e próspero; enfim, do que significa ser verdadeiramente humano. Quer reconheçamos ou não, todos agimos com esse *telos* inscrito em nós. Somos, afirma Smith, criaturas teleológicas, movidas para um determinado fim gravado em nós. Em nós há um amor por uma visão específica da vida boa que dirige nossas escolhas, decisões e caminhos de vida. Smith chama isso de “bomba do amor” (“love pump”), ou seja, aquela forma interna bombeando e impulsionado numa certa direção ou *telos* (Smith, 2009, p. 52, 93-94).

Mas os seres humanos não nascem com essa base, esse contexto e esse *telos* totalmente desenvolvidos da mesma forma que os animais vêm dotados de instintos. Contudo, possuem uma propensão inata para aprender sua visão da vida boa com a geração anterior e com a sociedade humana que já existe ao seu redor quando chegam ao mundo. Ser moldado para desejar uma visão específica da vida boa equivale a aprender a ser humano de uma maneira específica, uma maneira que pode ou não estar em sintonia com a intenção original de Deus, que pode ou não coincidir com o que significa ser verdadeira e plenamente humano de acordo com o propósito do Criador.

A “bomba do amor” simplesmente está lá e leva o ser humano a desejar uma determinada visão da vida boa, mas a direção que esse desejo tomará depende das liturgias que a moldam. A visão moderna é que a vida

boa consiste em ser livre para escolher o próprio destino, sem qualquer objetivo normativo específico para o qual o ser humano seja direcionado. A educação cristã, de acordo com Smith, tem como objetivo transmitir à próxima geração o que significa ser verdadeira e plenamente humano de acordo com o plano de Deus. Muitos pais que podem ter uma noção cognitiva bastante clara da fé cristã, no entanto, incutem em seus filhos uma versão do que significa ser humano que não é coerente com o cristianismo ortodoxo, mas que, na verdade, se assemelha ao deísmo terapêutico moralista, pois a visão da vida boa realmente incrustada neles difere da cosmovisão cognitiva que defendem com suas palavras.

O que Smith quer nos fazer perceber é que o ser humano age mais movido pelo que ama ou deseja (pela “bomba de amor” bombeando dentro dele) do que pelo que ele sabe cognitivamente. Essa “bomba de amor” ou a visão da vida boa em direção à qual vivemos, agimos e tomamos nossas decisões não está simplesmente lá quando nascemos nem é incorrigível ao longo da vida. Mas moldar essa visão da vida boa tem menos a ver com transmitir informações e mais a ver com habituação. Logo, ela é, sim, ensinável. O erro é achar que ela é aprendida simplesmente apresentando argumentos.

Por isso, James K. A. Smith enfatiza que a educação não deve funcionar como se o ser humano fosse meramente uma máquina cognitiva, um ser pensante. Toda sua exposição sobre a “bomba do amor” bombeando dentro de nós impulsionando-nos na direção daquilo que absorvemos como a visão da vida boa é uma filosofia antropológica através da qual ele deseja reconhecer que somos mais movidos pelo que amamos ou desejamos do que pelo que sabemos ou entendemos (Smith, 2009, p. 40). No entanto, essa “bomba do amor” vai nos impulsionar na direção da visão da vida boa que vier a ser gravada em nós. E essa visão da vida boa é gravada em nós através de habituação e repetição, aquilo que Smith chama de “liturgias”.

As liturgias culturais estão moldando a nós e aos nossos filhos o tempo todo. A formação ocorrerá de qualquer maneira, seja na direção certa ou errada. Como observou Chesterton, as crianças hoje não são tanto como ovelhas sem pastor. Elas são mais como uma única ovelha a quem vinte e sete pastores gritam (Chesterton, 1910, p. 266). Chesterton mencionou jornais, anúncios, novos medicamentos e novas teologias e tudo o mais que brilhava e cintilava no começo do século passado. Acrescente a isso

toda a mídia de televisão, internet e redes sociais com que nós convivemos para ter uma ideia de quantas vozes cercam as crianças de nosso tempo para moldar seu desejo por uma certa visão da vida boa, uma visão que, na maioria das vezes, não é a cristã. Da perspectiva da fé cristã, essas liturgias seculares muitas vezes constituirão uma *de*-formação de nossos desejos, desviando nosso coração do Criador para algum aspecto da criação como se fosse Deus (Smith, 2009, p. 88). Se os pais cristãos deixarem de transmitir a visão cristã da vida boa (*telos*) à próxima geração, a cultura circundante se encarregará disso. Até porque, como aprendemos com Erikson, isso faz parte da natureza humana criada por Deus.

Como vimos no estudo de Christian Smith, os filhos estão assimilando a visão que os pais têm de uma vida boa, quer os pais o façam intencionalmente ou não (Smith & Denton, 2006, p. 28). Muitos desses pais, notam Smith e Denton, professavam a fé cristã bíblica e acreditavam estar transmitindo-a a seus filhos. Mas como a fé vivida era deísta terapêutica moralista, foi isso que os filhos absorveram, não aquela teoricamente professada pelos pais com os lábios. James K. A. Smith chama nossa atenção para o fato de que precisamos ser intencionais ao transmitir aos nossos filhos a visão cristã da vida boa; caso contrário, eles absorverão a visão da vida boa da cultura que os rodeia. Como enfatizamos, temos uma inclinação natural para aprender com a geração anterior o que significa ser humano (ou seja, a visão da vida boa). Isso ocorre principalmente, embora não exclusivamente, por meio da relação entre pais e filhos. Como podemos deduzir do estudo de Christian Smith, isso ocorre mesmo que pais e filhos não tenham consciência de que está acontecendo. Mas se os pais não tiverem a intenção de transmitir a visão cristã da vida boa – o que significa ser humano de acordo com a intenção original de Deus – os filhos acabarão inevitavelmente recebendo outra visão da vida boa da geração anterior por meio da cultura que os cerca.

IN LOCO PARENTIS

James Davison Hunter, em *Death of Carachter*, mostra como, ao longo da evolução da história da educação do caráter nos Estados Unidos, ocorreu “uma importante mudança tanto no conteúdo quanto na fonte

da instrução moral, afastando-se da família e das igrejas para as escolas públicas financiadas pelo Estado” (Hunter, 2000, p. 29-148). G. K. Chesterton, escrevendo na Inglaterra em 1910, já reclamava que, nas escolas populares de sua época, as únicas pessoas que pareciam não ter nada a ver com a educação das crianças eram os pais (Chesterton, 1910, p. 308). Ele não negava que as crianças precisassem de profissionais qualificados e treinados para cuidar de aspectos específicos de sua educação, mas observava que essas pessoas não deveriam usurpar a autoridade dos pais. O professor deve agir *in loco parentis*, não *contra parentem* (Chesterton, 1910, p. 311). São os pais os principais responsáveis pela educação dos filhos. Foi a eles que Deus confiou essa responsabilidade. Mas, de alguma forma, teorias educacionais recentes convenceram os pais de que sua responsabilidade é exatamente o oposto, ou seja, não interferir na descoberta de si mesmos dos filhos (Guroian, 1998, p. 3-4). Para usar a metáfora de Leonard Sax, os pais foram convencidos de que é seu dever soltar os filhos no meio de uma selva sem trilhas, sem bússola, sem saber qual o caminho a seguir nem qual o destino (Sax, 2005, p. 236). Como os pais foram convencidos de que seu papel é exatamente o oposto daquele para o qual foram dotados pela criação, ou seja, que não devem educar seus filhos para que se tornem como eles, os pais não são mais capazes de desempenhar seu papel natural. Como Christopher Lasch observou, homens e mulheres já não são capazes de criar seus filhos sem a ajuda de especialistas certificados (Lasch, 1991, p. 154).

A situação não tem sido diferente dentro da igreja e entre as famílias cristãs do que tem sido no restante da sociedade. Em sintonia com a cultura predominante, os pais cristãos têm seguido o mesmo caminho que a cultura ao seu redor. Muitos pais que beberam das fontes do Deísmo Terapêutico Moralista ou mesmo do niilismo normalizado estão certos de que têm o dever de permitir que seus filhos descubram por conta própria qual espiritualidade eles desejaram seguir, se é que desejam seguir alguma. Mas até mesmo pais cristãos comprometidos, muitas vezes, deixam de transmitir a fé aos filhos. Alguns por comprarem a ideia da terceirização da educação, outros por simplesmente pressuporem que eles a adquirirão de qualquer maneira.

Por um lado, há aqueles que estão convencidos de que, assim como simplesmente mandam seus filhos para a escola para aprender matemática e a ler e escrever e, mais tarde, para aprender uma profissão na faculdade

ou em alguma outra instituição profissionalizante, da mesma forma simplesmente mandam seus filhos à igreja para aprender a fé. Esses são os que estão convencidos de que a educação de seus filhos é totalmente terceirizada. E, no que diz respeito à “fé”, a igreja é a fonte externa e a especialista encarregada de ensinar o que as crianças precisam saber. Esses pais falham em entender que a responsabilidade principal é deles. Na medida em que a escola e a igreja colaboram em alguns aspectos da educação de seus filhos, elas o fazem *in loco parentis*, sob a responsabilidade e supervisão dos pais, e não independentemente deles. Além disso, a educação não é um conceito compartimentado, como se pudéssemos enviar as crianças para aprender matemática e português na escola, fé na igreja e assim por diante. Educação é ensinar o que significa ser humano. Embora isso abranja muitos subconceitos, no fim das contas todos eles atuam em conjunto para moldar uma visão do que é a vida boa. Mesmo os pais que veem a educação de seus filhos dessa maneira terceirizada têm uma visão do que é a vida boa para eles e a estão transmitindo aos filhos pela sua forma de proceder.

Por outro lado, há aqueles pais que simplesmente presumem que os filhos irão adquirir naturalmente a visão cristã do que é a vida boa, principalmente porque foi assim que aconteceu com eles.

TRANSMITINDO A FÉ NUM MUNDO PÓS-CONSTANTINIANO

Um ditado africano frequentemente citado sobre esse assunto diz que é preciso uma aldeia inteira para criar uma criança. A transmissão do que significa ser humano ocorre de forma intergeracional. Foi assim que Deus criou as coisas para serem. Essa intergeracionalidade se dá principalmente na relação entre pais e filhos, embora não exclusivamente. Toda a geração que já está presente quando chegamos ao mundo participa desse processo. Se o mundo fosse perfeito, tal como Deus o criou, toda a raça humana refletiria a maneira que Deus pretendia que fôssemos humanos no mundo, e as novas gerações seriam naturalmente moldadas a ela pela geração anterior e a transmitiriam à geração seguinte.

Mas, por causa do pecado, o mundo não é assim. Nem todos à nossa volta colaborarão para transmitir a maneira que Deus pretendia do que significa ser humano. No mundo, temos ao nosso redor pessoas que incutem nas novas

gerações (até mesmo em nossos próprios filhos) uma versão diferente do que significa ser humano e que podem até mesmo nos impedir de transmitir a visão cristã do que é a vida verdadeiramente boa. Lutero, no Catecismo Menor, chegou a incluir o mundo, ao lado do diabo e da nossa carne, na trindade profana dos que não nos querem deixar santificar o nome de Deus nem permitir que venha o seu reino (*Livro de Concórdia*, 2021, p. 391-92).

Mas muitas pessoas parecem presumir que vivem em um mundo onde a fé cristã é socialmente transmitida da maneira ideal que acabamos de mencionar. Isso se deve principalmente ao fato de que elas próprias foram educadas na fé em uma sociedade em que o cristianismo não era tão contracultural como é hoje. Nas palavras de David Kinnaman, era um mundo em que, embora longe de ser perfeito, o cristianismo era o piloto automático de sua cultura (Kinnaman, 2011, p. 50). Ser cristão era a ordem do dia, e toda a comunidade estava de olho para garantir que a próxima geração recebesse a fé que havia sido anteriormente transmitida a eles. Praticamente todos na vizinhança eram cristãos, muitas vezes inclusive da mesma igreja. Eram as mesmas pessoas com as mesmas convicções em todas as áreas e ambientes da vida. As crianças, muitas vezes, aprendiam histórias bíblicas e Catecismo até mesmo na escola, mesmo que não fosse uma escola da igreja, pois os professores frequentemente eram da mesma igreja que a maioria de seus alunos e suas famílias. No entanto, esse já não é o mundo em que vivemos.

Stanley Hauerwas e William Willimon (1989) chamam essa era que está desaparecendo de “constantiniano”. Com Constantino, no século 4º, iniciou-se uma mudança na qual o cristianismo deixou de ser perseguido e, eventualmente, acabou se tornando a religião oficial do Estado. Ser cristão tornou-se a ordem do dia, e assim permaneceu no mundo ocidental por muitos séculos. Essa predominância cultural do cristianismo é o que Hauerwas e Willimon chamam de era constantiniana. A própria Reforma, por importante e grande que tenha sido a mudança por ela promovida para a igreja e o cristianismo, aconteceu dentro de uma sociedade chamada por Hauerwas e Willimon de “constantiniana”. Não estava sendo questionado o cristianismo, mas como seria verdadeiramente o cristianismo. Essa condição permaneceu válida no Ocidente até muito recentemente. Tão recentemente que muitos ainda não perceberam a mudança e continuam vivendo como se ser cristão fosse simplesmente a base normal da vida cotidiana, enquanto não ser cristão fosse uma anomalia.

Para efeito retórico, Hauerwas e Willimon identificam o fim da era constantiniana numa tarde de domingo de 1963 em Greenville, Carolina do Sul (cidade natal de Willimon), quando o cinema da Fox abriu num domingo à tarde (Hauerwas & Willimon, 1989, p. 15ss). Isso porque, naquela cultura predominantemente cristã, não haveria nada para fazer aos domingos exceto atender à programação da igreja. Dá para imaginar o choque que foi para muitos quando num belo domingo o cinema abriu. Mas pessoas foram ao cinema, incluindo Willimon e seis amigos que fizeram o pacto de darem as caras na igreja para serem vistos e escapar pela porta dos fundos para assistir a um filme de John Wayne no cinema. De forma que o cinema voltou a abrir no domingo seguinte e nos que vieram depois. Até que deixou de ser um escândalo.

Dizer que esse foi o marco do fim do mundo constantiniano, é claro, é uma afirmação retórica. Muitos de nós poderíamos identificar momentos semelhantes em nossa própria vida. Para muitos talvez tenha sido a primeira Sexta-Feira Santa sem peixe ou com atividades recreativas que quebraram o silêncio sagrado que costumava marcar o dia. Ou algum outro evento similar. O ponto é que somos a geração que viu o cristianismo deixando de ser a ordem do dia em nossa sociedade. Embora o censo continue mostrando que somos predominantemente uma sociedade cristã, não são mais seus princípios que norteiam toda a vida da sociedade.

Mas eram para a sociedade em que nossos avós criaram nossos pais.³ De forma que eles não precisaram se preocupar tanto com a criação cristã de nossos pais. Eles simplesmente absorveram isso da sociedade em que cresceram, como tinha sido com os pais deles e tantas outras gerações antes deles. Mas na geração de nossos pais isso começou a mudar. Como nossos pais foram acostumados a pensar que aquilo que a sociedade considerava certo e errado era o que a Bíblia ensinava como certo e errado, quando os princípios da sociedade começaram a mudar, a geração dos nossos foi mudando junto e acreditando que essa nova maneira de pensar e viver continuava sendo o que

3 Falo aqui da geração dos nossos avós de forma genérica, independentemente da idade de cada leitor, pois esse processo aconteceu em momentos e velocidades diferentes em lugares diferentes. Alguns lugares ainda hoje apresentam características de sociedade “constantiniana” (especialmente as mais tradicionais e interioranas). Outros já são “pós-constantinianos” há mais tempo (especialmente grandes cidades e metrópoles). Mas, como Hauerwas e Willimon já notam desde 1989, não há mais redutos intocados de “constantinianismo”.

Deus dizia ser certo ou errado. Afinal, o certo e errado para Deus sempre foi o que era considerado certo e errado pela maioria. Eles nem pensaram muito sobre isso. Simplesmente seguiram o fluxo. Foi a geração que conseguiu conciliar uma fé vivida se afastando da fé confessada sem notar, na maior parte do tempo, a discrepância e sem perder a fé salvadora no processo. Estes criaram seus filhos como tinham sido criados, pressupondo que naturalmente se tornariam cristãos como tinha sido com eles.

Mas essa nova geração, criados num mundo que Hauerwas e Willimon chamam pós-constantiniano, cresceram com essa discrepância entre o que era ouvido e confessado no domingo de manhã e o que era vivido no restante da semana. Como aquilo no domingo de manhã já não fazia sentido para eles com o resto da vida, quando cresceram apenas deram o próximo passo natural: deixaram a igreja. Isso pode ser frequentemente notado com pais que sofrem porque seus filhos foram batizados na igreja, frequentaram escola bíblica, foram confirmados, frequentaram jovens e agora, na vida adulta independente, abandonaram a igreja. Lamentavelmente não perceberam que, como James K. A. Smith destaca, aqueles poucos momentos por semana não eram suficientes contra a formação que recebiam de tantas outras fontes no restante da semana. Inclusive, como Smith e Denton destacam, a formação que recebiam até mesmo dentro de casa da religiosidade funcional dos pais, que muitas vezes era diferente da confessada na igreja.

Tudo isso não é dito com o objetivo de acusar e condenar a geração passada. Se, como Hauerwas e Willimon explicam, a era constantiniana se estendeu do quarto século até recentemente no mundo ocidental, como essa geração saberia que justamente na geração deles isso mudaria? Que a “aldeia” deles já não ajudaria a criar filhos cristãos? Mas a atual geração já não pode ser tão ingênua. O mundo está evidentemente cada vez menos pautado pela fé cristã e moldando a nós e a nossos filhos de formas não cristãs.

RESGATANDO O PAPEL DOS PAIS NA TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DA FÉ

Em um “posfácio não científico”, Smith e Denton sugerem que, como uma das consequências dos resultados de sua pesquisa, as igrejas cristãs e as famílias deveriam ser levadas a restabelecer o papel dos pais na formação religiosa dos jovens (Smith & Denton, 2006, p. 267). Certamente

há uma preocupação por parte da igreja quanto ao envolvimento dos pais na educação cristã de seus filhos. No entanto, casos como o relatado por Freudenburg (1998, p. 19) demonstram a tendência de concentrar a educação cristã na igreja, enquanto o envolvimento dos pais é visto mais como uma boa ideia do que como algo essencial. No entanto, se a fé tem um caráter intergeracional fundamentado na criação (ou seja, essa é a maneira como Deus concebeu que a fé fosse transmitida à próxima geração), a postura em relação ao papel dos pais na educação cristã deveria ser bem diferente.

Este é precisamente o argumento deste artigo. A fé possui um caráter inerentemente intergeracional. Ou seja, fomos programados para receber a fé da geração anterior e transmiti-la à posterior. A fé transmitida inclui não só o evangelho e todos os seus artigos, mas toda a nossa compreensão do lugar que ocupamos no esquema de todas as coisas, a *Tao*, como C. S. Lewis o chama. É aprender o que significa ser humano, conforme Kolb & Arand. É ter moldada em nós a visão do que é a vida boa que dominará nosso coração e nos moverá nas decisões da vida, conforme James K. A. Smith. De acordo com Erik Erikson, estamos como que programados para absorver isso da geração anterior e transmitir para a próxima, principalmente através da relação entre pais e filhos, embora não exclusivamente.

Tudo isso sendo verdade, significa que os pais, ao contrário do que muitas vezes se pensa, tem uma “vantagem” concedida por Deus na formação da visão de mundo dos seus filhos. Ao menos a pesquisa de Christian Smith confirma ser mesmo esse o caso, para o bem ou para o mal. A não ser que os pais negligenciem e abram mão dessa “vantagem.” Como G. K. Chesterton já notava há mais de um século, parece haver um esforço muito grande para justamente levar os pais a fazê-lo, terceirizando a educação de seus filhos. Enquanto os pais têm cada vez menos tempo para passar com seus filhos transmitindo-lhes a fé, outros transmitem a seus filhos visões de mundo e convicções das quais os pais frequentemente não comungam. Isso porque os pais aprenderam que seu papel para com os filhos é trabalhar para pagar por coisas enquanto os filhos descobrem sozinhos o que significa ser humano.

Quando pais abrem mão do seu papel de transmissores da fé, os filhos procurarão substitutos, já que estão como que programados

por Deus para receber isso da geração anterior. Pois a criação de Deus tende a se reafirmar a si mesma. O rio tenta voltar a correr pelo curso original. Não apenas na escola encontrarão esses substitutos, mas onde eles estiverem disponíveis em seu cotidiano. Com o advento da internet, muitos encontram em influenciadores digitais a figura adulta que lhes ensine o que significa ser humano, a visão da vida boa a ser desejada. Um grande problema dos influenciadores é que eles realmente influenciam, especialmente aqueles em idade de serem moldados por influência da geração anterior.

James K. A. Smith, em *Desejando o Reino*, nos ajuda a refletir sobre essa recuperação do papel dos pais na formação da próxima geração. Isso significa, de acordo com Smith, transmitir a eles muito mais do que informações que eles sejam capazes de recitar ou escrever num papel, mas formar a visão da vida boa que desejaram e que os atrairá em suas ações, decisões e opções de vida a gravitarem em direção a esse “reino desejado”, para usar a forma de Smith colocar isso. É como moldar ou programar aquela “bomba de amor” que inevitavelmente bombeará dentro de nós. O “ser conformado”, mencionado pelo apóstolo Paulo (Rm 12.2). E isso se dá através de habituação, repetição e convivência.

Para tanto, a primeira coisa que precisamos reconhecer é que o mundo pós-constantiniano em que vivemos nos moldou consideravelmente (Rm 12.2). Precisamos aprender da palavra de Deus a identificar as tantas coisas em nossa vida que divergem da fé que confessamos e intencionalmente corrigi-las. Isso demandará um processo de habituação por vezes penoso. É difícil deixar velhos hábitos ou adquirir novos depois de uma certa idade. Não é um programa de um final de semana. E não vamos fazer isso para sermos salvos. Isso temos da justiça passiva atribuída a nós por Deus e recebida pela fé em Jesus. Mas em resposta à justiça passiva recebida pela fé brota a justiça ativa em conformidade com o plano original de Deus vivida *coram mundo*.

A partir disso, precisamos recuperar o papel dos pais na transmissão da fé à próxima geração. Toda uma geração coopera para isso, portanto a igreja, a família estendida, os padrinhos, boas amizades e boa vizinhança vão todos colaborar nesse processo. Tomar decisões de vida a fim de proporcionar a melhor “aldeia” que colaborará conosco na criação dos nossos filhos pode ser uma boa ideia. Mas a primeira e principal influência

continuam sendo os pais, desde que não sejam ausentes e negligentes. O papel mais importante dos pais não tem a ver com o que são capazes de pagar para os filhos, mas o que vão transmitir em palavras e exemplos na convivência diária. É então que aquela remodelação talvez penosa para os pais, desfazendo-se do que era contrário ao plano de Deus e habituando-se ao que está de acordo com a lei de Deus, se torna valioso. O que para nós foi um aprendizado que demandou esforço pode ser mais natural para nossos filhos se crescerem conosco vivendo e falando desse jeito. O primeiro passo, se quisermos que a fé cristã seja a fé de nossos filhos, é que ela seja, de fato, a nossa.

Isso então será transmitido quando a fé confessada e proclamada no culto semanal se estender ao resto da nossa semana. Se nossos filhos crescerem em um lar onde a palavra de Deus e oração são uma constante, e o exemplo de uma vida cristã mesmo que contracultural é vista nos pais, será isso que tenderão a absorver de nós. Como Hauerwas e Willimon nos ajudam a lembrar, nossos princípios e forma de viver como cristãos será diferente do mundo ao nosso redor nessa era pós-constantiniana. É importante mostrar isso desde cedo a eles e ensinar que isso não é algo para se envergonhar.

Como educação cristã é muito mais sobre formação do que sobre informação, como aprendemos com James K. A. Smith, aproveitar situações cotidianas para conectar a fé ao viver diário é importante. Por exemplo, ser honesto e devolver o troco recebido a mais ao caixa do supermercado e explicar ao filho enquanto guardam as compras no estacionamento porque fez isso é muito mais poderoso do que qualquer lição de sala de aula sobre o sétimo mandamento, pois tem mais potencial para deixar uma marca na nossa “bomba de amor”.

Isso não significa isentar a igreja de sua responsabilidade na formação de fé da próxima geração. Toda a geração colaborará, incluindo a igreja. Precisa de uma aldeia. Mas significa que aquela hora semanal de culto, escola bíblica e/ou catecismo pouco conseguirá fazer se os primeiros e principais responsáveis não estiverem realizando intencionalmente seu papel: os pais. Toda essa geração colaborará na transmissão intergeracional da fé para a próxima geração, sendo os pais a primeira e principal influência. Foi desse jeito que Deus criou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIERMANN, Joel. *A Case for Character: Towards a Lutheran Virtue Ethics*. Minneapolis: Fortress Press, 2014.

_____. “Não mais casados, mas ainda comprometidos”. Igreja Luterana, São Leopoldo, v. 81, n.1, p. 179-193, 2020. Disponível em: <http://www.revistaigreja.luterana.com.br/index.php/revista/issue/view/1>. Acesso em: 10 ago. 2026

CHESTERTON, Gilbert K. *What's Wrong with the World*. New York: Dodd, Mead, 1910.

EDWARDS, James C. *The Plain Sense of Things: The Fate of Religion in an Age of Normal Nihilism*. University Park, PA: Pennsylvania State University Press, 1997.

ERIKSON, Erik H. *Childhood and Society*. London: Vintage, 1995.

_____. “Human Strength and the Cycle of Generations”. In: *Insight and Responsibility: Lectures on the Ethical Implications of Psychoanalytic Insight*. New York: Norton, 1964, p.109-57. Disponível em: <https://archive.org/details/insightresponsib00erikrich>. Acesso em: 10 ago.2026.

FREUDENBURG, Ben F.; LAWRENCE Rick. *The Family-Friendly Church*. Loveland, CO: Vital Ministry, 1998. Disponível em: <https://archive.org/details/familyfriendlych00freu>. Acesso em 10 ago. 2026.

GUROIAN, Vigen. *Ethics after Christendom: Toward an Ecclesial Christian Ethic*. Eugene, OR: Wipf & Stock, 1994.

GUROIAN, Vigen. *Tending to the Heart of Virtue: How Classic Stories Awaken a Child's Moral Imagination*. New York: Oxford University Press, 1998. Disponível em: <https://archive.org/details/tendingheartofvi00guro>. Acesso em: 10 ago. 2026.

HAUERWAS, Stanley; WILLIMON, William H. *Resident Aliens: Life in the Christian Colony*. Nashville, TN: Abingdon, 1989.

HUNTER, James Davison. *The Death of Character: Moral Education in an Age Without Good or Evil*. New York: Basic Books, 2000.

KINNAMAN, David; HAWKINS Aly. *You Lost Me: Why Young Christians Are Leaving Church... and Rethinking Faith*. Grand Rapids: Baker Books, 2011.

KOLB, Robert; ARAND, Charles P. *The Genius of Luther's Theology: A Wittenberg Way of Thinking for the Contemporary Church*. Grand Rapids: Baker Academic: 2008.

LIVRO DE CONCÓRDIA: as confissões da Igreja Evangélica Luterana. Comissão Interluterana de Literatura (CIL) (org.). Trad. Arnaldo Schüler. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2021.

LASCH, Christopher. *The Culture of Narcissism: American Life in an Age of Diminishing Expectations*. New York: Norton, 1991.

LEWIS, C. S. *The Abolition of Man or Reflections on Education with Special Reference to the Teaching of English in the Upper Forms of Schools*. New York: Macmillan, 1947. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.88346/>. Acesso em: 10 ago. 2026

MACINTYRE, Alasdair. *After Virtue: A Study in Moral Theory*. 3. ed. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 2007.

PIEPER, Francis. *Christian Dogmatics*. Volume II. St. Louis, MO: Concordia Publishing House, 1951.

RIEFF, Philip. *The Triumph of the Therapeutic: The Uses of Faith after Freud*. Chicago: University of Chicago Press, 1966, 1987.

RUDNICK, Milton L.; WARTH, Martim C. Vida Cristã, p.1.087-1.176. In: NAFZGER, Samuel H. (ed.). *Confessando o Evangelho: uma abordagem luterana da Teologia Sistemática*, volume 2. Trad. Rudi Zimmer. Porto Alegre: Concórdia, 2022.

SAX, Leonard. *Why Gender Matters*. New York: Broadway, 2005.

SMITH, Cristian; DENTON, Melinda Lundquist. *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2006.

SMITH, James K. A. *Desiring the Kingdom: Worship, Worldview, and Cultural Formation*. Grand Rapids: Baker Academic, 2009.